

## O fim da bipolarização mundial e a construção da nova ordem

---

Aída Barros e Silva<sup>I</sup>

Resenha recebida em 28/09/2014 e aceita em 15/10/2014

Depois da queda da União Soviética no ano de 1991 os debates acadêmicos sobre a política mundial giravam em torno do conceito de hegemonia ou até de superhegemonia. Esse debate estava atrelado à outra conjuntura. Saímos de um mundo bipolar e precisamos definir os parâmetros da “Nova Ordem Global”. Muitos historiadores, cientistas políticos, internacionalistas e cientistas sociais afirmaram a vitória dos Estados Unidos na Guerra Fria como o fator que levaria o mundo a ser gerido por uma única potência por longos anos. O calor dos acontecimentos trouxe uma grande dificuldade de interpretação para esses analistas que estavam imersos não só a discussão, mas atuando como agente dessa história tão recente, dessa configuração de outro “tempo presente”.

É nesse contexto que se inicia o livro do cientista político indo-americano Farred Zakaria: *O mundo pós-americano*. Lançado antes do estouro da crise mundial em 2008 o livro de Zakaria já nos antecipa alguns problemas de ordem econômica e social enfrentados pelos Estados Unidos que poderiam resultar numa crise generalizada. Com uma narrativa agradável, sem perder profundidade e análise, o autor constrói como tese central a idéia de que estamos vivendo o nascimento de um mundo pós-americano e isso não quer atestar o declínio dos Estados Unidos, mas apontar para as possíveis direções de outra ordem global onde os norte-americanos continuariam a ser a maior potência mundial militarmente e economicamente e presenciariam o alvorecer do “resto do mundo”.

Portanto, sua tese central não é o declínio ou aniquilamento do “império americano”, mas como esse Estado está se reestruturando para lidar com essa “Nova Ordem Mundial” que é marcada pela multipolaridade, onde o crescimento econômico global é a nova grade de discussão conceitual entre estadistas e analistas.

A década de 1990 se caracterizou como o período de reestruturação da economia mundial e do início da inserção de outros países no jogo econômico global aumentando seu tamanho e sua forma. Assim, a gênese estrutural de um centro de poder foi abalada, sendo necessária a reconfiguração do cenário para a aceitação de outros Estados, que estavam na dita periferia, com poder de negociação e até decisão no âmbito internacional.

Segundo Zakaria se contabilizarmos o período referente da década de 1990 até 2007, os chamados mercados emergentes foram responsáveis por mais da metade do crescimento global e agora movimentam 40% da economia mundial. Negar a influência desses países como novos atores no cenário internacional seria nadar contra a maré que, segundo o autor em questão, foi propiciada pelos próprios Estados Unidos quando venderam seu modelo econômico e político ao mundo (ate diversas vezes sobre o exercício da violência e da força).

Um dos pilares explicativos da tese de Zakaria está no que chamou de *três forças*: política, economia e tecnologia. Para ele, a partir da década de 1980 essas três

## O FIM DA BIPOLARIZAÇÃO MUNDIAL E A CONSTRUÇÃO DA NOVA ORDEM AÍDA BARROS E SILVA

forças começaram a caminhar na mesma direção rumo ao internacionalismo de um mercado mais aberto, conectado e exigente, dando a outros países a possibilidade de crescimento. A política já configurava a imagem do fim da bipolaridade, logo o mundo começaria a ser pensado fora da lógica bilateral; a economia dos países como um todo estava em franco processo de abertura e a tecnologia da inovação se pautava como diferencial dos países que apontavam crescimento econômico. Logo, esse tripé foi o catalisador do processo de configuração de uma Nova Ordem.

Então, podemos afirmar através das idéias de Fareed Zakaria que de 1980 até o nosso tempo presente, avistamos o nascimento de um mundo interconectado onde o que prevalecerá serão as relações em rede (parafraseando Manuel Castells).

Assim, Japão, China, Rússia, Índia, Brasil, México, África do Sul e Turquia constituem essa nova rede de atores que aos poucos caracterizam essa nova conjuntura global.

Sem dúvida que o grande divisor desse modelo político construído durante a década de 1990 foi os atentados terroristas de 11 de setembro nos Estados Unidos. Ali caía mundialmente uma política que se preconizava hegemônica, mas que não tinha até então percebido que algo novo no *front* já estava em curso há algum tempo. Os atentados mostraram que algo na política externa e interna dos Estados Unidos não andava bem e logo acenderiam as luzes que mostrariam hoje ao mundo o porquê de tão profunda crise na economia. O nascimento da política de prevenção e preempção, as constantes quedas na taxa de juros, o aumento de créditos baratos, começariam a inchar a bolha que explodiu em 2007. Corroborando com a fala de Zakaria: um mundo mais interconectado nos levaria a uma crise mais interconectada.

Para Zakaria o poder político formal continua firmemente atrelado ao Estado-Nação ainda que esta entidade tenha se tornado menos capaz de resolver a maioria desses problemas unilateralmente. O que o autor quer dizer é que mesmo que o poder do Estado-Nação não seja mais absoluto, se é que um dia o foi, e tenha que dialogar com instituições sociais não estatais com ONGs e Movimentos Sociais, ele ainda se apresenta como mediador dos conflitos existentes na nação. Em meio a uma redefinição dos parâmetros de força e atuação do Estado-Nação o autor consegue apontar a importância destes na atual *modernidade líquida* (terminologia cunhada pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman).

Com isso, Zakaria aponta que o principal desafio do mundo que vive a ascensão do resto se dará em duas vias: a primeira será evitar que as forças do crescimento global se transformem em força de desordem e desintegração mundial e a segunda será rever o impacto global sobre os recursos naturais e o meio ambiente.

Outro ponto bastante singular da obra de Zakaria está ligado à volta do crescimento do nacionalismo no mundo. Num primeiro momento até parece paradoxal pensar em nacionalismo quando estamos falando em um período de quebra de fronteiras onde as identidades estão mais atreladas às noções de pertencimento do que de território. A argumentação de Zakaria está alicerçada nos parâmetros do crescimento econômico. Para ele o crescimento econômico de Estados que durante séculos estiveram alijados do eixo central de decisões e da liderança do mercado econômico global, fizeram reviver nesses Estados o sentimento nacionalista. Obviamente que esta tese é bastante questionável, na medida em que precisamos repensar o próprio conceito de nação e de sociedade para entender que essa “volta ao nacionalismo” está em muito atrelado a grupos sociais que se beneficiam dele na luta por espaço e poder de barganha no cenário político nacional.

Zakaria levanta o questionamento de como alcançar objetivos internacionais em um mundo de muitos atores estatais e não estatais? Este questionamento vem sucedido

## O FIM DA BIPOLARIZAÇÃO MUNDIAL E A CONSTRUÇÃO DA NOVA ORDEM AÍDA BARROS E SILVA

de uma afirmação de que em um mundo que marcha para o pós-americanismo pode não haver um centro ao qual se integrar. Neste sentido, está posta a questão: como será o mundo sem um centro hegemônico de poder? Para podermos começar a pensar, refletir sobre estes questionamentos em aberto devemos ter em mente que a lógica do sistema já não é mais a mesma e que um mundo multipolar ou *uni multipolar*, como afirmava Samuel Huntington, só pode ser pensado quando aceitamos a assertiva de que “o império americano não está em franco declínio”, mas se moldando as novas estruturas do jogo de poder imposto pelo cenário mundial, que em muito os mesmos ajudaram a construir.

A União Europeia mesmo constituindo o maior bloco econômico do mundo não representa um perigo efetivo ao *status* de potência dos Estados Unidos, visto que militarmente e economicamente a Europa não pode agir como uma unidade. Assim, nestas duas características os norte-americanos ainda continuarão a prevalecer hegemonicamente.

A guisa de conclusão, Zakaria afirma que para continuar mantendo a liderança mundial, é imperativo que a América mude e se adapte às transformações advindas com a “ascensão do resto”, em especial da China e da Índia. Criticando a política externa belicosa de Bush, o autor aposta na capacidade dos Estados Unidos de se destacarem em um mundo com diferentes focos de poder. Para tanto, ele enfatiza a necessidade de a América compreender e aceitar esta “nova era”, pensando o mundo de maneira assimétrica e apostando em novas formas de diálogo e cooperação, de modo a lograr manter-se como líder e moderadora no sistema internacional.

Mesmo sendo escrito num período anterior a erupção da crise econômica mundial, este livro aponta com ampla visão os caminhos de uma Nova Ordem Mundial cheios de enigmas e interrogações.

### Notas

---

<sup>1</sup>Acadêmica no curso de Licenciatura plena em História pela Universidade de Pernambuco. Pesquisadora, como bolsista de Iniciação Científica do PFA/UPE (Programa de Fortalecimento Acadêmico), do Laboratório de Estudos do Tempo Presente/UPE. Chefe da diagramação da Revista Formação/UPE.

### Referência Bibliográfica

ZAKARIA, Fareed. **O mundo pós-americano**. São Paulo. Companhia das Letras. 2008.